

Saberes e poderes no Mundo Antigo

Estudos ibero-latino-americanos

Volume I - Dos saberes

Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves,
Edalaura Medeiros & José Luís Brandão
(Orgs.)

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FEDERAL UNIVERSITY OF PELOTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FEDERAL UNIVERSITY OF GOIÁS

ESPAÇO, COTIDIANO E SOCIABILIDADE EM ANTIOQUIA: UMA LEITURA DO *ANTIOCHIKOS* DE LIBÂNIO

Gilvan Ventura da Silva*

Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil

A cidade entre o real e o imaginário

A cidade representa, sem sombra de dúvida, uma das mais surpreendentes invenções de todos os tempos. Sua importância pode ser avaliada pelo fato de que a sua formação e desenvolvimento se confundem *grosso modo* com o ingresso do homem na fase histórica propriamente dita, após um período inicial e bastante extenso que costumamos designar como Pré-História. À parte as arbitrariedades subjacentes a toda e qualquer proposta de periodização, o fato é que a experiência urbana constitui uma notável característica da trajetória humana sobre a Terra, adquirindo, em cada época e lugar, feições próprias, peculiares, mas nem por isso capazes de apagar as marcas de identidade que nos permitem falar da existência de padrões regulares de ocupação territorial e de organização sociopolítica e econômica comumente sintetizados no vocábulo “cidade”. Tanto ontem como hoje, as cidades são espaços de residência, de trabalho e de interação social, mas são igualmente espaços de reflexão sobre como os homens elaboram e reelaboram a sua existência a partir de uma apropriação bastante peculiar da paisagem que os circunda. Nosso mundo é responsável por conferir à vida na cidade uma dimensão hiperbólica, como nos dão exemplo as megalópoles, marcadas por uma ambigüidade insolúvel, pois ao mesmo tempo em que se mostram uma fonte inesgotável de bens e serviços variados e postos ao alcance da mão, abrigam dentro de si ilhas de desconforto e insegurança, como nos dão testemunho as manchetes dos jornais e os noticiários televisivos, repletos de notícias sobre os transtornos provocados pelo *modus vivendi* urbano, dentre os quais o mais evidente é o crescimento incontrolável da violência, donde resulta que, se por um lado, o viver na cidade inspira confiança, ele inspira igualmente o medo (BAUMAN, 2005). Desse ponto de vista, hoje, mais do que nunca, a cidade se impõe como um desafio a ser compreendido e decifrado, razão pela qual se multiplicam as investigações que, sob os mais

*Professor de História Antiga da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Bolsista produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) e membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir).

variados aspectos, pretendem contribuir de algum modo para minimizar os impactos que uma convivência maciça de pessoas num ambiente cada vez mais saturado tem trazido, não apenas para as relações sociais, mas para o meio-ambiente, pois, como é público e notório, as cidades criam e produzem, mas também destroem e degradam.

Esses dilemas, é claro, não são apanágios do mundo contemporâneo. Evocando o princípio sobejamente conhecido segundo o qual a interpretação que fazemos do passado deriva, em boa parte, dos condicionantes do presente, os historiadores, especialmente aqueles que, como nós, fazem do estudo do Império Romano o seu ofício, têm dedicado uma atenção particular às reflexões sobre como as sociedades, ao longo do tempo, manipularam o espaço, como o alteraram, delimitaram, circunscreveram numa tentativa de imprimir, na paisagem, os símbolos por meio dos quais se afirmava uma identidade em detrimento de um exterior muitas vezes tido como inóspito e perigoso.¹ Apreendido na sua dimensão geográfico-cultural, o espaço passa então a ser considerado sob um duplo viés, o de produto e o de produtor do social, assumindo uma multiplicidade de funções: a de um amplo quadro no interior do qual os grupos sociais se organizam do ponto de vista da fixidez e da mobilidade e estabelecem as regras de convívio e de socialização; a de um suporte de obras materiais, muitas vezes eternizadas em pedra; a de um ambiente no qual práticas e representações encontram o seu ponto de convergência; a de um repositório de vestígios do passado imprescindíveis para a produção da memória coletiva, memória esta que preserva a lembrança daquilo que lhe é conveniente ao mesmo tempo em que devota ao esquecimento tudo o que lhe suscita repulsa ou estranhamento (BALANDIER, 1999, p.62). Mediante essas funções, o espaço etéreo, aberto, indefinido é progressivamente domesticado, dando margem à emergência dos *lugares*, das zonas geográficas esquadrihadas pelo intelecto, revestidas de um sentido, repletas de representações, zonas fundadoras de identidades que permitem uma dupla atualização: a do encontro entre o presente e o passado e a da oposição entre o sagrado e o profano.² Essa simbolização/construção do espaço se efetua em diversos níveis que vão do privado ao público e vice-versa, envolvendo a divisão dos cômodos no interior das habitações, a disposição coletiva das residências, quer se trate de uma aldeia ou de uma *urbs*, a arquitetura dos edifícios públicos e dos monumentos, a distinção entre territórios sagrados e profanos (o que nos remete ao caso exemplar do *pomerium* etrusco-romano), a divisão espacial do trabalho e assim por diante. Nesse sentido, como sugere Augé (1999, p.137), “se a tradição antropológica ligou a questão da alteridade (ou da identidade) à do espaço, é porque o processo de simbolização levado a efeito pelos grupos sociais devia compreender e dominar o espaço a fim de eles mesmos se compreenderem e se organizarem”.

Do ponto de vista da relação entre identidade e espaço, a cidade é, tanto hoje como ontem, um *locus* privilegiado de análise em virtude, por um lado, da sua capacidade de aglutinar, num território relativamente restrito, um sem-número de categorias repartidas, por exemplo, entre os membros de uma mesma profissão, os integrantes de uma mesma etnia ou os falantes de uma mesma língua e, por outro, da complexidade da apropriação espacial exigida pela cidade quando da sua instauração. De fato, a cidade é, de modo evidente, uma fabricação do intelecto e da *práxis* humanas na sua interação com o meio-ambiente, uma maneira assaz peculiar de o homem tornar familiar o território no qual habita, transformando-o, segundo suas necessidades e desejos, num território simbolizado, adornado e revestido de cultura no qual a natureza, preservada nos parques, lagos e jardins se encontra domesticada de acordo com os cânones da arquitetura cívica e, por isso mesmo, posta sob permanente controle dos seus usuários e das autoridades chamadas a zelar pela ordem pública.³ Esse domínio progressivo sobre o meio-ambiente se manifesta desde o traçado original das ruas até as sociabilidades que têm lugar no cotidiano, uma vez que a cidade é suporte de representações e de memórias, é fato, mas também de *atividades* ordinárias (o comércio, o trânsito, a troca de informações) e extraordinárias (a festa, os campeonatos esportivos, o protesto político). Desse modo, os topônimos urbanos, dentre os quais a rua ocupa uma posição preeminente, cumprem uma tripla função: informativa, lúdica e simbólica. Nele, as pessoas aprendem, divertem-se e ao mesmo tempo obtêm a consciência de uma identidade partilhada.

Desse modo, a cidade não pode ser apreendida tão somente em seus aspectos físicos, materiais, arquitetônicos, mas igualmente por intermédio das *representações* que são forjadas tendo como referência tudo aquilo que compõe o *modus vivendi* urbano, a exemplo dos seus monumentos, seus ofícios e serviços, as modalidades de intercâmbio social e a heterogeneidade dos habitantes. De fato, qualquer investigação que pretenda revelar a complexidade da vida na cidade deve levar em consideração a maneira pela qual essa cidade é (re)conhecida, simbolizada e interpretada pelos usuários, responsáveis por estabelecer com ela relações de confiança e de estranhamento segundo a sua posição na escala social, seus interesses e aspirações. Na condição de artefato cultural, a cidade é absolutamente polissêmica, ensejando, conforme as circunstâncias, a formulação de *isotopias*, *heterotopias* e *utopias* (LEFEBVRE, 2004, p.45).⁴ Apreendida sob essa lógica, a cidade é incessantemente construída e reconstruída pelos grupos sociais em permanente interação, os cidadãos que a coabitam e que “projetam”, cada qual ao seu modo, a cidade utópica, mas não no sentido de uma cidade inviável ao ser esvaziada de todos os conflitos, uma cidade pacífica ou pacificada ao gosto de Campanella ou uma cidade transcendente, celestial, como proposta por Agostinho. Pelo contrário, a utopia urbana se realiza

um pouco à semelhança da comunidade imaginada de Benedict Anderson (1989), na condição de cidade *representada* por indivíduos e grupos que se entrecrocavam a todo o momento nas ruas, praças e avenidas, uma cidade que não corresponde *stricto sensu* à cidade geográfica, mas que tampouco é irreal e fictícia, na medida em que a imagem da cidade é poderosa o suficiente para reforçar uma tendência em curso ou orientar ações concretas rumo ao futuro. Dificilmente poder-se-ia admitir que a idéia de cidade, uma cidade modelada segundo propósitos, pressupostos, intenções particulares a cada grupo que se considera, por seu turno, detentor da primazia de ocupação do espaço urbano, seja uma mera ilusão, que esta idéia não desemboque em uma ação efetiva sobre o solo citadino visando a torná-lo mais adequado à vida em comunidade, a promover o bem-comum – o que quer que isso signifique – mediante a ordenação de um território.

Tomando como ponto de partida estas reflexões preliminares, temos por objetivo discutir, neste capítulo, a maneira pela qual Libânio, ao pronunciar, por ocasião dos Jogos Olímpicos de 356, o *Antiochikos*, um panegírico dedicado a exaltar os encantos de Antioquia, elabora uma representação da sua cidade natal que faz dela um lugar aprazível por excelência mediante a fixação de isotopias, de ambientes destinados a favorecer o bem-estar da população. Nosso propósito é investigar como, no pensamento de Libânio, se produz a interseção entre a configuração arquitetônica da cidade e a rotina dos seus habitantes, uma vez que Antioquia era célebre tanto pelas construções monumentais que abrigava quanto pelo ritmo intenso da sua vida urbana, elementos que se encontram inextricavelmente unidos no *Antiochikos*. O nosso enfoque se restringirá assim às formas de apropriação do território pelos antioquenos, apropriação esta que, na concepção de Libânio, exprime uma notável harmonia entre as atividades cotidianas e a arquitetura, interferindo diretamente na construção da identidade do corpo cívico.⁵ Cumpre assinalar de antemão que não trataremos aqui de todas as isotopias contidas no panegírico, mas tão somente daquelas que apresentam uma conexão evidente com o espaço construído. Por essa razão, não faremos referência à excelência do clima, à fertilidade do solo nem tampouco às riquezas naturais de Dafne, um elegante subúrbio ao sul de Antioquia cuja descrição no *Antiochikos* mereceria, sem dúvida, um tratamento específico. A fim de iluminar a interpretação dos dados extraídos da *Oratio XI*, lançaremos mão do conceito de *sociabilidade* (*Geselligkeit*) criado por Georg Simmel, na segunda metade do século XIX, e mais tarde reformulado pelos pesquisadores filiados à Escola de Chicago.

A multidão numa passarela de pedra

Na concepção de Libânio, aquilo que constitui, por assim dizer, a “alma” da cidade, ou seja, o que exprime a sua autêntica vocação, são as relações que se estabelecem no dia a dia entre os habitantes, a comunidade cívica que agrupa,

num mesmo território, um conjunto de pessoas em cooperação, quer sejam autóctones ou imigrantes. Nesse contexto, a principal modalidade de intercurso social sugerida pelo autor, poderíamos mesmo acrescentar, a modalidade primária de socialização, é constituída pela conversação, pelos atos de falar e de ouvir que possibilitam a troca de informações e a assistência mútua, pois, segundo o sofista, é recomendável repartir as alegrias e tristezas dos amigos (Lib. Or. 11. 214-215). O que Libânio identifica, nessa passagem, referindo-se ao prosaico cotidiano da sua cidade natal, é o cerne daquilo que Simmel, séculos mais tarde, irá definir como “sociabilidade”.⁶ Não obstante a formulação contemporânea do conceito, o nexu existente entre o espaço construído da cidade e as atividades cotidianas dos seus habitantes não passa, em absoluto, despercebida a Libânio, para quem a arquitetura monumental de Antioquia é um elemento determinante no sentido de aproximar os indivíduos, de colocá-los frente a frente. Mediante a apropriação coletiva do espaço, o corpo cívico adquire uma unidade que se sobrepõe, ainda que por um breve momento, às distinções econômicas, políticas e religiosas. Libânio pressupõe a existência de uma dependência praticamente insolúvel entre o *modus vivendi* de Antioquia, as atividades cotidianas executadas por seus habitantes, e o espaço no qual tais atividades se desenvolvem, revelando-nos, no seu *Antiochikos*, uma autêntica *cartografia* das sociabilidades urbanas constituída por ambientes nos quais a população, ao se reunir, se reconhece como portadora de um perfil único, excepcional. Esses ambientes, convertidos em isotopias, em lugares familiares e saturados de afetividade e de lembranças, inspiram conforto àqueles que os freqüentam, dando aos habitantes a sensação de que a sua cidade é e sempre foi o melhor lugar possível para se viver, de maneira que entre o cidadão e a *sua* cidade, a qual ele se refere quase como se dela detivesse a posse, produz-se uma estreita conexão sociotopográfica que desemboca, ao fim e ao cabo, na configuração da própria identidade do antioqueno. Dentre os lugares mencionados no *Antiochikos* que cumprem o papel de estimular as relações de sociabilidade entre os cidadãos, merece destaque, em primeiro lugar, a avenida das colunatas que, ao lado das fontes de Dafne, são o principal orgulho da cidade.

A construção da avenida das colunatas remonta à época de Antíoco IV Epifânio (175-163 a.C.), quando o eixo que corta a cidade no sentido norte-sul, do Portão Alepo ao Portão de Dafne, recebeu amplas calçadas (KONDOLEON, 2000, p.9; LASSUS, 1977, p.60). Mais tarde, sob o domínio romano, um conjunto de transformações para as quais não dispomos de uma cronologia muito precisa vão aos poucos dando forma ao complexo arquitetônico tal como descrito por Libânio, quando então a avenida conta não apenas com um eixo norte-sul, mas com outro leste-oeste que, partindo das imediações do *Nymphaeum*, se prolonga até a ilha formada pelo Orontes, a região da Cidade Nova, uma área de expansão aberta sob Antíoco III para receber os últimos imigrantes gregos.⁷ No início do

Principado, Herodes e Agripa teriam ampliado a avenida, restaurado a pavimentação do solo e iniciado a construção das colunatas e dos pórticos, obra suplementada por Tibério, quando então a avenida é ornamentada com estátuas. Na região de Epifânia, o antigo bairro fundado por Antíoco IV que abrigava uma das ágoras da cidade, já seria possível constatar a presença de lojas e oficinas (MARTIN, 1959, p.40; LASSUS, 1977, p.60; ZETTERHOLM, 2003, p.21). Mais tarde, em 115, um intenso tremor de terra destruiu as primeiras instalações da avenida. Trajano, testemunha ocular do ocorrido, determinou a reconstrução completa do complexo arquitetônico, o que somente foi concluído sob Antonino Pio. Na ocasião, a avenida foi ampliada tanto em largura quanto em extensão, recebendo novas colunas, algumas delas já de granito egípcio. A avenida permanece inalterada em sua arquitetura até os terremotos de 526 e 528, que a danificam seriamente. Pela narrativa de Libânio, sabemos que a rua propriamente dita ficava a céu aberto, ao passo que a fileira de colunas laterais era dotada de cobertura (Lib. Or. 11.196). A altura das colunas girava em torno de 6,5 metros, menores, portanto, que as de Apameia e Palmira, mas altas o suficiente para comportar dois pavimentos (LASSUS, 1977, p.70; MARTIN, 1959, p.39). Escadas construídas em intervalos possibilitavam o acesso às galerias do segundo andar. De frente para a rua e entre as colunas, nos pórticos por elas formados, podiam-se ver *stands* de venda de produtos e oficinas artesanais. Já a área interna dava acesso às residências e aos edifícios públicos (DOWNEY, 1962, p.17). Nas interseções entre a avenida e as ruas secundárias havia praças que comportavam igualmente inúmeras atividades urbanas (KONDOLEON, 2001, p.9).

Embora esse padrão arquitetônico não fosse privilégio de Antioquia, podendo ser encontrado em outras cidades da Síria e da Ásia Menor, como Éfeso, Niceia, Apameia e Gerasa (cf. MARTIN, 1959, p.39), é notável constatar a posição central que a avenida das colunatas ocupa no reforço das relações de sociabilidade entre os antioquenos, tal como vemos descrito no *Antiochikos*. Em primeiro lugar, por possuírem cobertura, as colunatas ofereciam uma proteção permanente contra as intempéries, permitindo assim que os moradores das casas vizinhas não ficassem confinados durante o inverno ou na estação chuvosa. Segundo Libânio, ao contrário de outras cidades, nas quais a ausência das colunatas obrigava os indivíduos a permanecer longo tempo sem contato uns com os outros, em Antioquia o convívio social não se encontrava submetido ao capricho das estações, mas prosseguia sem interrupção o ano inteiro (Lib. Or. 11.213-217). Além de defender a população de Antioquia contra os rigores do clima, as colunatas constituíam o centro lúdico da cidade, abrigando ao seu redor o hipódromo, o teatro e os banhos (Lib. Or. 11.218-219).⁸ Nesse caso, verifica-se claramente um descompasso entre a descrição da cidade feita por Libânio e as descobertas arqueológicas, uma vez que o hipódromo não se situava nas imediações da avenida das colunatas, mas na Cidade Nova. No entanto, o mais

importante para aquilo que pretendemos discutir aqui não é tanto a veracidade estrita das informações transmitidas pelo orador, mas sim a sua intenção principal, que é a de realçar o papel da avenida como o “coração” da cidade, o seu epicentro, ponto de partida de todas as modalidades de interação urbana, que se espriam pelo território circundante, como assinala Libânio ao comparar as colunatas a rios em cheia que se precipitam sobre as ruelas adjacentes (Lib. Or. 11.201).

Na avaliação de Libânio, da maneira como foi construída, a avenida das colunatas contribuiu para conferir a Antioquia uma mobilidade e uma harmonia incomparáveis, facilitando o trânsito e integrando as distintas zonas da cidade. À parte o exagero do autor ao afirmar que a extensão das colunatas de Antioquia seria equivalente a um dia inteiro de caminhada (Lib. Or. 11.211), é forçoso reconhecer que a avenida era bastante ampla, ao menos para os padrões romanos, medindo aproximadamente três quilômetros em toda a sua extensão.⁹ Já de uma calçada a outra, a largura seria de trinta e cinco metros, incluídos os pórticos e a calçada (KONDOLEON, 2001, p.9; LASSUS, 1977, p.61). De uma extremidade a outra, ela se apresentava plana e contínua, não sendo interrompida por cursos de água ou por elevações. Da avenida, partiam ruelas que se prolongavam, em sentido perpendicular, para o norte e para o sul, algumas delas alcançando as encostas do Monte Sílpios, mas sem que isso representasse uma ruptura na harmonia do conjunto, que, na opinião de Libânio, se assemelhava a uma pintura (Lib. Or. 11.132;196-198). Esse é o palco principal para um espetáculo cotidiano que o orador reputa como um dos mais belos que a cidade poderia proporcionar: a multidão em movimento, que se desloca por entre os quarteirões num permanente ir e vir. Libânio enfatiza que uma das principais características de Antioquia reside justamente no fato de que, para onde quer que se olhe, a cidade surge repleta de gente que se acotovela dentro e fora dos portões, na região central do fórum, nas ruas laterais, nos arredores (Lib. Or. 11.170). Favorecido pela amplidão espacial que o traçado urbano oferece, o deslocamento da população pelas ruas não encontra nenhum obstáculo: a multidão caminha pela avenida das colunatas e adjacências como se fosse um rio, em progressão contínua, sem abrir espaços no seu interior, o que confere a um espectador desavisado a impressão de que a cidade está sempre em festa (Lib. Or. 11.170-172).

No *Antiochikos*, a importância da avenida das colunatas para a vida urbana é ainda exaltada pelo fato de a sua área interna abrigar uma infinidade de oficinas e lojas, ao contrário do que ocorria em outras cidades. Embora essa afirmação, uma vez mais, não corresponda inteiramente à realidade, já que em cidades como Mileto também constatamos a presença de comerciantes nos pórticos formados pelas colunatas, o problema parece se afigurar um pouco mais grave em Antioquia, com as lojas e oficinas se lançando inclusive sobre a calçada, o que

constitui um empecilho à mobilidade dos transeuntes (MARTIN, 1959, p.57). Essas construções, erigidas em caráter precário e cobertas com palha, serviam ao mesmo tempo como local de produção e comercialização de produtos – uma vez que, conforme regra geral na Antigüidade, os artesãos costumavam ser os responsáveis pela venda dos artigos que fabricavam – e como residência para os trabalhadores. Ao que tudo leva a crer, a disputa por uma vaga para comercializar nos pórticos era bastante acirrada em virtude da posição central da avenida, sempre repleta de clientes (LIEBESCHUETZ, 1972, p.56). Nessas circunstâncias, Antioquia padecia com todos os inconvenientes que o exercício do artesanato e do comércio no recinto urbano acarretava: odores desagradáveis, vapores, fumaça, interdição do trânsito e perigo de incêndio, pois muitas das *tabernae* estocavam produtos inflamáveis (MOREL, 1997, p.153). As autoridades municipais controlavam com dificuldade esse movimento desordenado de ocupação das vias públicas, ao passo que os pequenos comerciantes, muitos deles paupérrimos, costumavam ser alvo de abusos e extorsões por parte dos funcionários imperiais.¹⁰

Um moto-contínuo às margens do Orontes

Pelo relato de Libânio, é possível concluir que a presença ostensiva da população nas ruas de Antioquia se deve, em boa parte, aos atrativos oferecidos pela avenida das colunatas, que, dominando o centro da cidade com suas bodegas, praças, monumentos e residências e estendendo-se até a ilha formada pelo Orontes, onde se encontram o palácio do imperador, o hipódromo e a *Domus Aurea*, a grande igreja de Constantino e Constâncio, constitui um pólo de atração tanto para os residentes quanto para os visitantes. No entanto, uma outra modalidade importante de ocupação do território contribui de modo decisivo para conferir um dinamismo ímpar ao cotidiano da cidade: a dispersão das atividades comerciais por todo o perímetro urbano. Embora Antioquia contasse com duas ágoras, uma mais antiga e outra mais recente, localizada no bairro de Epifânia, onde ficava o *bouleuterion*, a sede da administração municipal, o comércio e o artesanato não se encontravam circunscritos a esses lugares.¹¹ Pelo contrário, a comercialização de bens era abundante em todos os recantos da cidade, de maneira que nenhum comprador era obrigado a deixar o seu bairro para obter os produtos dos quais necessitasse. Próximo a sua residência, os indivíduos poderiam adquirir com comodidade tanto produtos de excelente qualidade quanto produtos de qualidade inferior, de acordo com as suas posses (Lib. Or. 11.251-254). Por essa razão é que, segundo Libânio, nenhum setor da cidade poderia ser classificado como uma zona de mercado propriamente dita (Lib. Or. 11.251). Antioquia, ao menos nesse pormenor, parece não acompanhar o padrão verificado em outras cidades antigas, que costumavam possuir bairros

especializados no fabrico e comercialização de determinados produtos (LEGUAY, 1997, p.19).

Da mesma maneira que as sociabilidades em Antioquia não se encontravam vinculadas a um território específico, mas se disseminavam por todos os bairros da cidade, o convívio da população não se restringia ao período do dia, pois mesmo após o pôr-do-sol o burburinho urbano não era em absoluto interrompido. Como testemunha Libânio, as relações de sociabilidade em Antioquia se caracterizavam não apenas por subverter o espaço ao cobrir todas as zonas da cidade, mas igualmente por subverter o tempo, prolongando-se noite adentro. Segundo o autor, o dia inteiro a praça do mercado (muito provavelmente a região de Epifânia) permanecia apinhada. Ao anoitecer, os artesãos e vendedores não se recolhiam, mas continuavam com os seus afazeres como se fosse dia. Por esse motivo, Antioquia era capaz de oferecer aos viajantes uma acolhida segura a qualquer hora, recebendo durante toda a noite os peregrinos que chegavam em busca de banho, alimento e repouso (Lib. Or. 11.171; 255-257). Antioquia é descrita por Libânio como uma cidade que nunca dorme, uma cidade sobre a qual Hipnos não tem controle em virtude de um eficiente sistema de iluminação subvencionado pelos comerciantes, o que confere segurança à população no período noturno, quando a circulação de pessoas, mesmo nas zonas centrais, costumava ser perigosa.¹² Nesse aspecto, Antioquia exibia um agude contraste com outras cidades do Império Romano, dentre as quais se inclui Roma, famosa pela escuridão de suas ruas (MARTIN, 1959, p.60). Como resultado, em Antioquia a noite era entregue aos cuidados de Hefestos e de Afrodite, divindades associadas ao labor e ao prazer respectivamente (Lib. Or. 11.267). Essa indistinção entre o dia e noite seria mais uma das condições favoráveis ao intercâmbio social, estimulando os antioquenos a deixar as suas residências a qualquer hora para caminhar por entre as mercadorias expostas nas ruas ou entabular uma animada conversação nas praças (Lib. Or. 11.267).

A vocação festiva de Antioquia é igualmente celebrada por Libânio, que considera sua cidade natal um centro permanente de recreação e de festa. Na opinião do orador, em nenhum outro lugar do Império os dias da semana eram tão alegres, de maneira que um visitante teria sempre a impressão de ter chegado num mês de comemorações (Lib. Or. 11.266). Sabemos que Antioquia, no período imperial, era uma cidade reputada como detentora de uma população amante das festas, dos espetáculos teatrais e das competições no hipódromo e no circo máximo, uma população que se aglomerava nos edifícios e nas vias públicas para comemorar, negociar, protestar ou apenas conversar, como nos revelam os exuberantes mosaicos trazidos à luz pelos arqueólogos (PETIT, 1955, p.139; KONDOLEON, 2001, p.9). Os antioquenos tinham por hábito se reunir em *komoi*, cortejos de rapazes portando máscaras, ou se agrupar em coros (*khoroi*) de dançarinos, festejando pelas ruas da cidade de dia e de noite. Ao que parece, o

local favorito para reuniões dessa natureza eram as imediações do teatro, onde se cantava e dançava em honra a Dioniso, sobretudo nos festivais da Maiuma e da Caliopéia (SOLER, 1997, p.326-327; HAUBOLD & MILES, 2004, p.25).¹³ Comemorações semelhantes, ou seja, incluindo canto e dança, também ocorriam entre os judeus, que nos festivais do mês de *Tishri* se exibiam com desenvoltura pelas ruas (WILKEN, 1983, p.67).

Esse caráter vibrante de Antioquia, essa socialização intensa entre os seus habitantes, tem como suporte material os lugares e monumentos arquitetônicos, que cumprem a função de aproximar e ao mesmo tempo facilitar o trânsito da população. A avenida das colunatas, eixo principal da cidade, é uma construção em torno da qual gravitam outras construções, como teatros, termas, basílicas, *tabernae* e residências, possibilitando uma integração entre atividades lúdicas, jurídicas e comerciais e uma contínua interseção entre o público e o privado. Como podemos captar da imagem de Antioquia elaborada por Libânio, a cidade fervilha de pessoas que se encontram em associação permanente umas com as outras e a ocupação do território acompanha de perto essa tendência, ao mesmo tempo em que a reforça. Por intermédio do *Antiochikos*, é possível alcançar, mesmo que de maneira um tanto ou quanto floreada, por força mesmo do gênero laudatório ao qual pertence a oração, o dia-a-dia dos habitantes de uma das mais importantes e florescentes cidades do Império Romano no fim da Antiguidade. Na condição de *metropolis* da província da Síria, Antioquia exibia um dinamismo surpreendente em virtude de um intenso afluxo de pessoas e do volume de atividades comerciais que aí tinham lugar. Mesmo na época tardia, não se constata, a princípio, uma diminuição no ritmo de crescimento urbano. Pelo contrário, na segunda metade do século IV, como nos deixam entrever o *Antiochikos* e as descobertas arqueológicas, a cidade experimenta um notável crescimento, materializado na quantidade de construções dispersas pelo recinto urbano por conta de um movimento migratório contínuo (Lib. Or. 11.169; 227; LASSUS, 1977). Por essa razão é que Libânio insiste tanto, em seu panegírico, no fato de Antioquia se encontrar repleta de pessoas provenientes de distintas regiões do Império, o que reforça o seu caráter multicultural (Lib. Or. 11.164; 167; 264). Na avaliação de Zetterholm (2003, p.30), na medida em que uma boa parte da população das cidades orientais era constituída por *parvuenes* e, portanto, estrangeiros uns aos outros, isso deve ter contribuído para uma ruptura da ordem moral em Antioquia, com uma conseqüente elevação na taxa de criminalidade. Deixando de lado a espinhosa questão de lidar com dados estatísticos para a Antiguidade, alguns dos quais simplesmente inexistentes, é lícito supor que os recém-chegados, após uma fase inicial de estranhamento, fossem cedo integrados às redes de sociabilidade então em vigor, passando assim a compartilhar os códigos da cultura local, como sugere Libânio ao elogiar a

hospitalidade dispensada aos estrangeiros que decidem fixar residência em Antioquia (Lib. Or. 11.167-168).

Identidades forjadas na rua

A trama das sociabilidades urbanas que ressalta da leitura do *Antiochikos* se cumpria basicamente por intermédio da rua, um local repleto de significações, no qual as condutas alheias são observadas, investigadas e interpretadas. De acordo com Leguay (1997, p.23), a troca de informações entre as pessoas que ocorre nas ruas, calçadas e praças, o ato de se avaliar e comentar o comportamento do vizinho e o seu próprio, são elementos primários da comunicação humana, favorecendo a criação e consolidação de valores e hábitos compartilhados. Já segundo Lefebvre (2004, p.29), a rua é o *locus* por excelência do encontro e do intercâmbio, um teatro espontâneo no qual as pessoas são ao mesmo tempo atores e espectadores, um palco no qual se efetua a mistura sem a qual não existe vida urbana propriamente dita, mas separação e segregação. Se a rua, ao longo dos tempos, favoreceu de modo muito particular a circulação dos símbolos que integram uma determinada cultura, é possível que esse papel, na Antiguidade, tenha sido ainda mais acentuado, uma vez que o número reduzido de cômodos nas *insulae* e nos casebres bem como a escassez de quartos individuais, um luxo reservado aos mais ricos, propiciaram uma notável permeabilidade entre a casa e a rua, uma situação atestada com clareza em Antioquia (LEGUAY, 1997, p.23). Além disso, é preciso destacar ainda o próprio *ethos* festivo da cidade antiga, repleta de zonas de intercâmbio entre os habitantes (termas, teatros, anfiteatros, hipódromos, basílicas, fóruns, mercados) e contando com um extenso calendário de comemorações, o que sem dúvida multiplica no tempo e no espaço as oportunidades de encontro e de troca de informações, contribuindo para fixar a identidade do homem antigo.¹⁴

Como sugere Veyne (2005, p.236-237), na época imperial não é possível reconhecer-se uma identidade que seja propriamente romana ou helênica. Para além da lealdade dos súditos ao imperador, o que sem dúvida constituía um importante elo entre todas as comunidades do *orbis romanorum*, o que prevalecia, em última análise, era uma identidade associada à terra natal. Nesse sentido, nem mesmo a formação cultural proporcionada pela *paideia* que, de uma fronteira a outra do Império, apresentava uma surpreendente uniformidade, foi capaz de romper os liames que uniam os habitantes às suas cidades, para eles um motivo de orgulho e de júbilo. O *Antiochikos* é sem sombra de dúvida um dos depoimentos mais contundentes dessa autêntica devoção que o homem antigo nutria por sua cidade, razão pela qual Libânio, em mais de uma oportunidade ao longo do seu panegírico, reitera diante dos seus ouvintes a superioridade de Antioquia, reputada como a mais agradável e acolhedora dentre todas (Lib. Or. 11.249, 174). Naturalmente que a exaltação de Antioquia tal como vemos no

Antiochikos não pode ser tomada como uma medida exata da realidade, uma vez que diversas informações ali contidas são negadas pela arqueologia e por outras fontes literárias.¹⁵ Contra a descrição idílica da sua *homeland* feita por Libânio, um único exemplo é suficiente: a sucessão de terremotos que desde a fundação não cessou de castigar a cidade e que culminou, em 526, com um número expressivo de mortos e a destruição da *Domus Aurea* (FOSS, 2001, p.23). E, no entanto, devemos argumentar que, como sustentam diversos autores contemporâneos, retórica e realidade, imaginação e ação, não se anulam, mas são faces de uma mesma moeda, atuando em conjunto na produção do mundo social. Desse ponto de vista, o discurso estruturado em palavras, temas e imagens, não é responsável apenas por “refletir”, “aclarar” ou “traduzir” a concretude de um mundo exterior a ele, mas também por orientar as ações que interferem de maneira muito palpável na construção desse mundo (JACOBS, 2007, p.107).

A sociedade romana, como se sabe, atribuía grande importância à cultura retórica. Os teatros, termas e pórticos, dentre outros locais, constituíam por assim dizer a “infraestrutura” retórica da cidade antiga, lugares onde a população tinha por hábito se reunir para ouvir seus rétores, filósofos e sofistas em ocasiões especiais, como o *adventus* dos imperadores e os festivais em honra às divindades (MAXWELL, 2006, p.44). Por intermédio dessa prática, os oradores eram convertidos em porta-vozes dos seus concidadãos, em “formadores de opinião” para utilizar uma expressão usual nos dias de hoje, veiculando aspirações, desejos e sentimentos e, desse modo, reforçando valores compatíveis com as expectativas da sua própria audiência. Desse modo, a população tinha a oportunidade de se reconhecer como integrante de um mesmo sistema cultural, o que implicava o reforço de algumas condutas e a rejeição de outras, constatação que tem o mérito de nos revelar o sentido pedagógico contido no exercício da retórica antiga. Libânio, ao ocupar a tribuna para declamar o seu *Antiochikos* – ou ao menos uma parte dele, se concordarmos com a sugestão de Liebeschuetz (1972, p.137, n.2) segundo a qual o texto teria sofrido acréscimos posteriores –, não pretendia decerto fornecer uma descrição detalhada e fidedigna da topografia da sua cidade natal ou dos seus usos e costumes, como se por um breve instante pudesse se converter em um cartógrafo ou um etnógrafo. Seu principal objetivo era celebrar aquilo que julgava constituir o *ethos* de Antioquia, a sua essência, o que de melhor ela tinha a oferecer. E, contudo, Libânio se encontrava, na ocasião, impedido de exercitar a imaginação sem controle, pois tinha diante de si um público que não era de modo algum ignorante com relação ao assunto em questão. Seja como for, acreditamos que o valor do testemunho de Libânio repousa antes e acima de tudo na sua capacidade de divulgar e consolidar uma determinada *representação* de Antioquia que faz dela, por diversos motivos, a cidade ideal.

Petit (1959, p.19), em uma obra célebre sobre a vida municipal da cidade na época tardia, declara que Libânio, a despeito do caráter excepcional do seu panegírico, nos fornece uma visão idílica e, por isso mesmo, deformada da realidade. Talvez a via mais produtiva de interpretação do *Antiochikos* não seja tomá-lo como uma mera composição literária desprovida de qualquer compromisso com a realidade, mas como uma peça de retórica altamente sofisticada na qual o autor se propõe a exaltar e reforçar os valores que integram o *modus vivendi* cívico, que fixam uma determinada identidade, de maneira que mediante a descrição de Libânio seus ouvintes possam se reconhecer como membros de uma associação superior e, por isso mesmo, plena de carismas, como costuma ocorrer em todos os processos de construção identitária. Nesse sentido, ressalta do panegírico a vinculação entre a comunidade cívica e o espaço territorial por ela ocupado, um espaço construído e adornado de maneira a facilitar aquilo que, na opinião de Libânio, constitui a quintessência da *polis*: o convívio intenso entre os seus habitantes. Ao fazer isso, Libânio constrói a imagem de uma cidade que tem como um dos seus maiores orgulhos o contato direto e cotidiano entre as pessoas; a conversa franca que anima noite e dia as ruas, pórticos e monumentos; a multidão que, reunida em praça pública, se oferece sem reservas ao olhar; os encontros nas termas, teatros e hipódromo; a vocação para a festa e para a alegria. Em suma, Libânio, ao mesmo tempo em que descortina para nós múltiplos cenários nos quais se desenvolvem as sociabilidades urbanas, investe, com o auxílio de uma técnica retórica apurada, numa representação que, ao celebrar e reforçar os códigos da solidariedade e da hospitalidade urbanas, ao exaltar a alegria de se viver em conjunto e de repartir os mesmos lugares, converte a cidade inteira numa isotopia, num ambiente de acolhimento, de segurança e de prazer. Para nós, homens do século XXI, que vivemos todos os contratemplos de habitar em megalópoles nas quais o simples trânsito pelas vias públicas comporta muitas vezes um risco potencial à integridade física e psicológica, o que nos faz temer e evitar o contato com o outro, as reflexões de Libânio, ao sugerirem que a associação cívica é fruto justamente desse encontro inevitável entre as pessoas pelas ruas, praças e avenidas, nos devolve a um tempo no qual a vida na cidade inspirava decerto muito mais confiança do que medo.

Documentação primária impressa

- LIBANIUS. *Antioch as a centre of Hellenic culture*. Translated with an introduction by A. F. Norman. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.
- LIBANIUS. *Antiochikos*. In: FESTUGIÈRE, A. J. *Antioche païenne et chrétienne*. Libanius, Chrysostome et les moines de Syrie. Paris: E. de Boccard, 1959, p.23-37.

Obras de apoio

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AUGÉ, M. *O sentido dos outros*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AUGÉ, M. *Los no lugares*. Barcelona: Gedisa, 2002.
- BALANDIER, G. *O dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.
- BROOTEN, B. J. The Jews of Ancient Antioch. In: KONDOLEON, C (Org.). *Antioch, the lost ancient city*. Princeton: Princeton University Press, 2001, p.29-37.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 1 e 2.
- CRIBIORE, R. *The school of Libanius in Late Antique Antioch*. Princeton: Princeton University Press, 2007.
- DOWNEY, G. *Antioch in the age of Theodosius the Great*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1962.
- FOSS, C. Late antique Antioch. In: KONDOLEON, C. (Org.) *Antioch, the lost ancient city*. Princeton: Princeton University Press, 2001, p.23-27.
- FRÚGOLI JR., H. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GRIMAL, P. *As cidades romanas*. Lisboa: Ed. 70, 2003.
- HAUBOLD, J.; MILES, R. Commuality and theatre in Libanius' Oration LXIV 'In defence of the pantomimes'. In: SANDWELL, I. & HUSKINSON, J. *Culture and society in Later Roman Antioch*. Oxford: Oxbow Books, 2004, p.24-34.
- JACOBS, A. S. The lion and the lamb: reconsidering Jewish-Christian relations in Antiquity. In: BECKER, A. H. & REED, A. Y. *The ways that never parted: Jews and Christians in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Minneapolis: Fortress Press, 2007, p.99-118.
- KONDOLEON, C. The city of Antioch: an introduction. In: KONDOLEON, C. *Antioch, the lost ancient city*. Princeton: Princeton University Press, 2001, p.3-11.
- LACAZE, J. P. *A cidade e o urbanismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- LASSUS, J. La ville d'Antioche à l'époque romaine d'après l'archéologie. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlin, II, p.54-102, 1977.
- LEFEBVRE, G. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- LEGUAY, J. P. La rue, lieu de sociabilité. In: LEMÉNOREL, A. (Ed.). *La rue, lieu de sociabilité*. Rouen: Université de Rouen, 1997, p.11-29.
- LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. *Antioch: city and imperial administration in the Later Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- MAAS, M. People and identity in Roman Antioch. In: KONDOLEON, C (Org.). *Antioch, the lost ancient city*. Princeton: Princeton University Press, 2001, p.13-21
- MARTIN, R. Commentaire archéologique de l'*Antiochikos*. In: FESTUGIÈRE, A. J. *Antioche païenne et chrétienne*. Libanius, Chrysostome et les moines de Syrie. Paris: E. de Boccard, 1959, p.38-61.

- MAXWELL, J. L. *Christianization and Communication in Antiquity*. Cambridge : Cambridge University Press, 2006.
- MOREL, J. P. Métiers, rues et sociabilité dans le monde romain. In: LEMÉNOREL, A. (Ed.). *La rue, lieu de sociabilité*. Rouen: Université de Rouen, 1997, p.149-159.
- PETIT, P. *Libanius et la vie municipale a Antioche*. Paris: Paul Geuthner, 1955.
- SOLER, E. La rue à Antioche au IVE siècle après J.-C.: entre *kômoi* et *pompai*, les cortèges festifs comme reflet de la sociabilité. In: LEMÉNOREL, A. (Ed.). *La rue, lieu de sociabilité*. Rouen: Université de Rouen, 1997, p.325-330.
- VELHO, G. Entrevista. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n 28, p. 183-210, 2001.
- VEYNE, P. *L'Émpire Gréco-Romaine*. Paris: Seuil, 2005.
- WILKEN, R. L. *John Chrysostom and the Jews*. Eugene: Wipf & Stock, 1983.
- YEGÜL, F. Baths and bathing in Antioch. In: KONDOLEON, C (Org.). *Antioch, the lost ancient city*. Princeton: Princeton University Press, 2001, p.146-151.
- ZETTERHOLM, M. *The formation of Christianity in Antioch; a social-scientific approach to the separation between Judaism and Christianity*. London: Routledge, 2003.

Notas

¹ A categoria *espaço* aqui empregada diz respeito a um território delimitado por vetores no interior do qual ocorre um cruzamento de móveis. O espaço, sendo construído pelo deslocamento contínuo dos indivíduos, carece de univocidade e de estabilidade. É nele, no entanto, que afloram os lugares mediante o estabelecimento de contornos que dividem, separam e subtraem da apropriação coletiva determinados ambientes, que passam a ser controlados por grupos e comunidades específicos. O espaço poderia ser então descrito como a condição de possibilidade dos lugares, mas sem com eles se confundir na medida em que sua apropriação permanece sempre oscilante.

² Um lugar, tal como o entendemos, é um território que, ordenado segundo determinadas regras, exprime uma relação de identidade na medida em que é revestido de todo um simbolismo pelos seus frequentadores. Conforme propõe Certeau (2008, p.201), um lugar estabelece sempre uma inclusão diante de uma exclusão, uma definição de posições que se pretendem estáveis. O lugar, portanto, reclama a estabilidade e a mesmidade. Cumpre notar, entretanto, que ao lado dos lugares e como sendo a própria condição de possibilidade destes, situam-se os *não-lugares*, os territórios de transição, de passagem, que carecem de memória e de sentido ou, antes, que se prestam à confusão de todas as memórias e todos os sentidos (AUGÉ, 2002).

³ Empregamos aqui o vocábulo *urbano* no sentido do latim *urbanus*, referindo-se assim a tudo aquilo que é próprio da *urbs*, da cidade, em oposição àquilo que é *rusticus*, rural, campestre. A existência do fenômeno urbano na Antigüidade precede assim, de muitos séculos, o nascimento do *urbanismo*, ou seja, de um conjunto sistemático de reflexões sobre como organizar a cidade que emerge na segunda metade do século XIX (LACAZE, 1999, p.36).

⁴ O procedimento isotópico é aquele que tem por objetivo fixar um lugar (um *topos*) e seus arredores imediatos, é o lugar da familiaridade, da vizinhança, o lugar do reconhecível e por isso mesmo seguro, onde o indivíduo pode ir e vir sem colocar em risco a sua integridade física, psicológica e/ou simbólica. No entanto, na medida em que a fixação de isotopias é uma operação *relacional*, ela reclama, em contrapartida, a existência dos seus

opostos, as *heterotopias*, os lugares perigosos, profanos e contaminadores, que se subtraem, às vezes no próprio coração do urbano, ao controle e à vigilância e que por isso devem ser a todo custo evitados. Do jogo de oposições entre isotopias e heterotopias é que derivam as *topofilias* e *topofobias*, ou seja, a sensação agradável de “estar em casa” ou a sensação de desconforto que nutrimos ao frequentar determinados ambientes.

⁵ Antioquia, desde a sua fundação, em 300 a.C., possuía uma população de ascendência grega que gozava dos direitos de cidadania, um importante critério de distinção diante de uma paisagem dominada pela cultura semita (Maas, 2001, p.14). A organização política dos primeiros tempos (*politeia*) logo se somaram outras comunidades (*politeumata*), às quais se concedia o direito de livre associação e de viver conforme os seus usos e costumes, a exemplo dos judeus, mas sem que isso significasse, ao menos a princípio, uma equiparação com os gregos (BROOTEN, 2001, p.30). Sob o Império Romano, no entanto, verificamos, por um lado, um processo contínuo de enfraquecimento da noção de cidadania *stricto sensu* e, por outro, uma aproximação cada vez maior entre os habitantes das cidades, fruto sem dúvida da sensação de pertença a um microcosmo onde o convívio social era intenso. Em sintonia com a mudança dos tempos, Libânio raramente se refere à *politeia* em sua acepção técnica, ou seja, designando o estatuto de cidadania conferido a um segmento restrito da população (PETIT, 1955, p.24). Desse modo, a expressão “corpo cívico” por nós aqui utilizada se refere aos *civis*, isto é, aos membros livres que compõem a cidade por origem ou adoção e que, mesmo encontrando-se repartidos em categorias bem definidas de acordo com a sua riqueza e com a posição que ocupam na administração municipal e imperial, exibem uma notável solidariedade, como nos informa Libânio, ao discorrer sobre a integração que existe, em Antioquia, entre ricos e pobres (Lib. Or. 11.150).

⁶ Segundo Simmel, a *sociabilidade* seria o social apreendido na sua essência, uma forma lúdica e arquetípica da socialização humana desprovida de quaisquer outros interesses e objetivos que não a própria interação, a exemplo do que ocorre na conversação, ocasião em que o conteúdo do que é dito, embora não seja totalmente ignorado, não é um fim em si mesmo, mas um meio para a manutenção do vínculo entre as pessoas, que agiriam de acordo com regras e expectativas de comportamento reconhecidas por todos os participantes. Na abordagem de Simmel, a sociabilidade se daria basicamente entre amigos e familiares, ou seja, entre pessoas que fizessem parte de um mesmo círculo de parentesco e vizinhança e não entre completos desconhecidos, o que, de certa forma, representava uma limitação da sua abordagem (FRÚGOLI JR., 2007, p.10). A Escola de Chicago, por sua vez, se dedicou a ampliar o potencial explicativo contido no conceito, transpondo-o para o ambiente urbano, o que permitiu aos pesquisadores discutir a relação entre a proximidade física e a distância social observada nas ruas da cidade, onde uma multidão de desconhecidos convive em praças, bulevares, estações de trem e de metrô. Com a Escola de Chicago, a cidade é pela primeira vez esquadrihada por dentro, buscando-se compreender ao mesmo tempo a espacialização do social e a socialização dos espaços mediante uma abordagem eminentemente empírica, etnográfica mesmo. Doravante, os teóricos passarão a se referir amiúde ao conceito de *sociabilidade urbana*, querendo com isso exprimir a suposição de que existe uma relação privilegiada entre as relações interpessoais e o *daily life* da cidade. As sociabilidades urbanas seriam constituídas por formas cotidianas de intercâmbio e interação regidas por regras nem

sempre fixadas de antemão, mas que cumprem um papel fundamental para a definição das identidades sociais, uma vez que por meio delas os grupos e/ou indivíduos negociam, dentro da cidade, a sua posição uns em relação aos outros, num processo contínuo de troca cultural, de absorção e ressignificação de práticas, concepções e valores (VELHO, 2001, p.204).

⁷ O *Nymphaeum* era composto por uma fachada de mármore e mosaicos coloridos, com colunas entre as quais havia fontes instaladas em nichos. A água vertia dentro de uma bacia de mármore revestida com mosaicos (DOWNEY, 1962, p.21).

⁸ Antioquia contava com dois teatros, o Teatro de Dioniso, construído muito provavelmente por Seleuco I Nikator (312-281 a.C.), fundador da cidade, na região onde, na época de Libânio, ficava o Fórum de Valente, e o Teatro de Zeus Olímpio, em Dafne, construído em 70 por Vespasiano com os despojos obtidos na campanha da Judeia. O Teatro de Dioniso era um típico teatro grego, com uma plateia semicircular, e se localizava nas encostas do Monte Sílpios. Ao longo do Principado, passou por vários acréscimos a fim de acomodar a população, sempre crescente (KONDOLEON, 2001, p.155). No que diz respeito aos banhos, sua existência em Antioquia se encontra bem atestada tanto pelas fontes escritas quanto pelas arqueológicas. Ao todo, conhecemos dezesseis banhos, dez nomeados pelo cronista bizantino João Malalas e seis revelados pelas escavações de 1932 coordenadas pela Universidade de Princeton. Contudo, por analogia com Roma e Constantinopla, que no início do século V contavam com 856 e 153 banhos respectivamente, a quantidade de termas em Antioquia deveria ter sido bem maior, muitas delas situadas ao longo da avenida das colonatas (YEGÜL, 2001, p.147). Já o hipódromo, um dos maiores do Império, foi construído talvez no século II. Contrariamente ao que nos informa Libânio, o hipódromo não se situava próximo à avenida das colonatas, mas fazia parte do complexo palaciano da Cidade Nova.

⁹ Segundo Leguay (1997, p.12), embora por vezes sejam evocados os exemplos da Via Nova, em Roma, e da Rua da Abundância, em Pompeia, para sustentar o argumento de que, sob o Império Romano, a construção de ruas amplas fosse a regra, um exame mais detalhado dos dados arqueológicos nos revela que as dimensões das vias públicas romanas eram muito mais modestas, girando entre três e cinco metros de largura.

¹⁰ Temos notícia de que na gestão do *Comes Orientis* Próculo os vendedores estabelecidos nos pórticos das colonatas foram onerados com uma taxa especial para a manutenção dos mimos e pantomimas (LIEBESCHUETZ, 1972, p.146).

¹¹ Sob o governo de Valente (364-378), o território da ágora de Epifânia foi todo remodelado para dar lugar a um novo fórum, que se torna o centro urbano de Antioquia. Junto ao Fórum ficavam situados os mais importantes edifícios públicos da cidade, tais como o *Kaesarion* (a basílica de César), o Teatro de Dioniso e as Termas de Cômodo (DOWNEY, 1962, p.22).

¹² A iluminação das ruas de Antioquia era controlada pelo governador da província por intermédio dos *epimeletae*. O combustível utilizado deveria ser fornecido pelos comerciantes da cidade, cf. Norman, 2000, p.62, n.147.

¹³ No início de maio, Antioquia comemorava a festa de Calíope, que dava ensejo a espetáculos teatrais e competições no hipódromo. Também em maio acontecia a Maiuma, um festival celebrado a cada três anos em honra de Dioniso e Afrodite. Com a duração de

trinta dias, a Maiuma incluía diversas atividades noturnas, dentre as quais os *choroi* de dançarinos (LIEBESCHUETZ, 1972, p.230; SOLER, 1997, p.326).

¹⁴ Para uma abordagem dos festivais e cortejos pagãos, cristãos e judaicos em Antioquia, consultar Soler (1997).

¹⁵ A despeito de algumas imprecisões contidas no *Antiochikos*, a maioria delas referentes a exageros próprios do gênero, como quando Libânio declara que a extensão da avenida das colunatas seria equivalente a um dia de caminhada ou quando considera que apenas em Antioquia os comerciantes tinham por hábito ocupar os pórticos da cidade, podemos afirmar que a oração, em linhas gerais, apresenta uma exatidão surpreendente (CRIBIORE, 2007, p.25).